

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA BACHARELADO

Luana Furtado Ramos Cairrão

“FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER”: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM
VÍDEOPERFORMANCE

Santa Maria, RS
2021

Luana Furtado Ramos Cairrão

**“FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER”:
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM
VÍDEOPERFORMANCE**

Relato de experiência apresentado ao curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharela em Dança**.

Orientador: Luiz Naim Haddad
Coorientadora: Gisela Reis Biancalana

Santa Maria, RS
2021

Luana Furtado Ramos Cairrão

**“FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER”:
PROCESSO DE CRIAÇÃO EM
VÍDEOPERFORMANCE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Dança Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharela em Dança**.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2021:

Luiz Naim Haddad, Dr. (UFSM)

(Presidente/orientador)

Adriana Dal Forno, Dr.^a (UFSM)

Gisela Reis Biancalana, Dr.^a (UFSM)

(Coorientadora)

Santa Maria, RS

2021

DEDICATÓRIA

Dedico essa escrita ao amor vivenciado no âmbito das minhas relações familiares, especialmente entre meu pai Marcos, minha mãe Márcia e meu filho Miguel. Também dedico cada aprendizado e cada palavra sobre o sagrado à minha bisavó Felícia (in memoriam), à minha avó Diana (in memoriam), e às sabias companheiras Maria Rodrigues Varela Martins (in memoriam) e Terezinha Gonçalves de Lima Ferreira.

RESUMO

“FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER”: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM VÍDEOPERFORMANCE

AUTORA: Luana Furtado Ramos Cairrão
ORIENTADOR: Luiz Naim Haddad
COORIENTADORA: Gisela Reis Biancalana

O presente trabalho é a apresentação de um relato de experiência acerca como processo de conclusão da graduação em Dança Bacharelado, do Centro de Artes e Letras (CAL) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trata-se de um estudo que aborda um processo criativo em arte contemporânea sob o viés de uma vídeoperformance, ancorados sobretudo, em Archer, Rey, Leote e Codevilla. A obra resultante do processo criativo intitulou-se “Fruto do vosso sangue, mulher”. O intento buscou investigar o conceito de sagrado em contextos do universo feminino, relacionando o sangue menstrual com a figura de uma árvore. Essa, é uma mangueira que se encontra na mesma residência em que a autora também mora, perpassando pelas últimas quatro gerações de mulheres da família materna da artista, incluindo a própria autora. O trabalho embasou-se, metodologicamente, na escrita de diários autobiográficos que refletiram a relação da autora com a menstruação, com a árvore mangueira, com as últimas gerações de mulheres da parte materna de sua família, também, com o próprio universo do sagrado, referendados em principalmente em Calado. Além disso, a revisão bibliográfica a respeito do conceito de sagrado, especialmente embasada em Eliade, e seus possíveis desdobramentos em contextos do feminino e da árvore, principalmente ancorados em Estés e Owen, colaboraram para os desenvolvimentos teórico-práticos do trabalho. As reflexões contempladas nessa escrita apontaram para os inúmeros processos criativos e sagrados que envolvem as performances, o ser mulher e o ser mãe. Além disso, as relações encontradas direcionaram os processos para demonstrar a conexão entre o sangue e as raízes de genealogia vislumbradas na figura da mangueira.

Palavras-chave: Vídeoperformance. Criação. Menstruação. Árvore. Genealogia.

ABSTRACT

“FRUIT OF YOUR BLOOD, WOMAN”: PROCESS OF CREATION IN VIDEOPERFORMANCE

AUTHOR: Luana Furtado Ramos Cairrão
ADVISOR: Luiz Naim Haddad
CO-SUPERVISOR: Gisela Reis Biancalana

The present work is the presentation of an experience report on how to complete the bachelor's degree in dance at the Center for Arts and Letters (CAL) of the Federal University of Santa Maria (UFSM). It is a study that addresses a creative process in contemporary art under the bias of a video performance, anchored above all, in Archer, Rey, Leote and Codevilla. The work resulting from the creative process was called "Fruit of your blood, woman". The intention sought to investigate the concept of sacred in contexts of the female universe, relating menstrual blood to the figure of a tree. This is a hose that is in the same residence in which the author also lives, passing through the last four generations of women from the artist's maternal family, including the author herself. The work was based, methodologically, on the writing of autobiographical diaries that reflected the relationship of the author with menstruation, with the tree hose, with the last generations of women from the maternal part of her family, also, with the universe of the sacred itself, referred to mainly in Calado. In addition, the bibliographic review of the concept of sacred, especially based on Eliade, and its possible developments in feminine and tree contexts, mainly anchored in Estés and Owen, contributed to the theoretical-practical developments of the work. The reflections contemplated in this writing pointed to the numerous creative and sacred processes that involve performances, being a woman and being a mother. In addition, the relationships found directed the processes to demonstrate the connection between blood and genealogy roots glimpsed in the hose figure.

Keywords: Videoperformance. Creation. Menstruation. Tree. Genealogy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CAMINHOS POÉTICO-METODOLÓGICOS	13
2.1. A VÍDEOPERFORMANCE.....	14
2.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTOBIOGRAFIA E A POÉTICA DO FEMININO.....	17
3. ENSAIOS SOBRE O CONCEITO DE SAGRADO	20
3.1. O SAGRADO, O FEMININO E O SANGUE.....	21
3.2. O SAGRADO E A ÁRVORE.....	23
4. FRUTO DO VOSSO SANGUE MULHER	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A- MINHAS PERGUNTAS SOBRE A MENARCA	31
APÊNDICE B- LEMBRANÇAS SOBRE A MANGUEIRA	32
APÊNDICE C- QUANDO O SANGUE ESCORRE	33
APÊNDICE D- CRIATIVIDADE MENSTRUAL	34
APÊNDICE E- INSPIRAÇÕES GENEALÓGICAS SAGRADAS	35
APÊNDICE F- AMADURECIMENTO	36

1. INTRODUÇÃO

Meu percurso como aluna de iniciação científica iniciou-se pelo meu notável interesse por questões do movimento feminista ligadas à maternidade para criação em Arte da Performance. Assim, desde março de 2019, minha dança tem encontrado na Performance, um lugar sensível de ampliação de possibilidades para o saber-fazer artístico. No ano de 2020, em um momento tão delicado de crises sanitárias e políticas, em meio a um ciclo pandêmico de inseguranças e incertezas, nasceu a importância de vivenciar o último ano da graduação e o processo do trabalho de conclusão de curso. Justamente nesse período em que vi minha rotina bagunçar, minhas atividades como graduanda e mãe misturarem-se e (des)organizarem-se constantemente, meus ciclos menstruais desregulavam-se e me faziam lembrar de questões relacionadas à minha primeira menstruação. Tabus, vergonha, nervosismo.

Ao mesmo tempo, com a necessidade de manter o isolamento social, passei a acessar cada vez mais as redes sociais. Através desses meios, encontrei uma nova forma de pensar a menstruação: a perspectiva do sagrado feminino. Essa ideia tem sido difundida pelo mundo, sobretudo, com a criação de conteúdos digitais pelo Instagram e Facebook. O sagrado feminino não é uma religião. É um conjunto de ideias e práticas que pretendem oferecer pensamentos de empoderamento e sororidade¹ em/entre mulheres, desmistificando a figura de um Deus como um homem. Ainda, é um conjunto de propostas de autoconhecimento para mulheres, principalmente em buscas sobre saberes relativos à menstruação, à nossa ancestralidade e árvore genealógica, também ao respeito e amor à nossa Mãe Terra.

Nesse contexto, floresceu e fortificou-se em mim, uma memória de mulher que me colocava a necessidade de falar sobre menstruação e ciclicidade feminina, evidenciando o caráter biológico implícito nessa temática como um elemento que também pode ser compreendido e valorado a partir de perspectivas do sagrado que se desdobram em contextos femininos. Concomitantemente, minhas percepções a respeito de tudo que é natural e fruto

¹ Termo que designa fraternidade. Tem sido amplamente utilizado atualmente, especialmente pelo movimento feminista.

da nossa Terra Mãe aumentaram, com isso, passei a observar o quanto uma árvore é determinante nos dias e estações da casa onde tenho residido desde que nasci (apêndice B). Ela é uma árvore da espécie mangueira. Imponente, cobre a frente da residência, e acabou se tornando um referencial para localização: “É fácil de encontrar a minha casa. Tem um pé de manga bem na frente.” No verão, quando os frutos nascem, a casa ganha o aroma das mangas. Já os sucos e alimentos preparados por nós, ganham o sabor delas.

Ainda, as reuniões com a turma do TCC, marcadas pelo contexto pandêmico, construíram elos e aspectos comuns entre nós graduandas. Aguçamos nossos ouvidos e falas, contribuímos com os trabalhos umas das outras e adotamos o formato de vídeo para concepção e apresentação da obra final. Assim, devido a minha trajetória como aluna de iniciação científica, bailarina e performer, bem como devido à situação de isolamento social, optei pela obra final sob o formato de uma vídeoperformance. Além da produção, preparação e posterior apresentação desse modelo serem viáveis por meios digitais, também há o aspecto da edição de vídeo. Esse último, contribuiu para realçar as ideias de ciclicidade, passagem do tempo e genealogia presentes nesse trabalho teórico-prático.

Então, é nesse contexto que emerge o processo criativo do presente trabalho de conclusão de curso. Uma proposta de criação em arte contemporânea, sob o viés de uma vídeoperformance, a qual aborda uma relação entre o ciclo menstrual e a árvore mangueira enquanto elementos sagrados, dotados de renovação, genealogia, ciclicidade e vida. Enquanto meios capazes de viabilizar esse trabalho com o maior grau de sinceridade e afetividade possíveis, escolhi adotar a escrita de diários autobiográficos como principal procedimento metodológico que auxiliou o meu processo criativo. Ainda, há uma descrição de como funcionou o intenso trabalho de captação, armazenamento e edição de imagens. As captações foram realizadas por mim, pelo meu pai Marcos Cairrão e pela minha mãe Márcia Cairrão. As primeiras edições foram executadas por mim, e finalmente, a última versão da edição, foi feita pela minha colega e artista Andressa Merlo. Intitulei, assim, a obra em final de vídeoperformance de “Fruto do vosso sangue, mulher.”

Ademais, a revisão bibliográfica sobre os eixos temáticos que compõe esse trabalho foi imprescindível para o meu processo criativo. Foi necessário

aprofundar os saberes-fazerem que perpassaram por esse trabalho teórico-prático. Para tanto, os autores Archer, Rey e Tessler embasaram os conceitos trabalhados no âmbito da arte contemporânea. Phelan, Fabião, Taylor e Glusberg ancoraram as questões sobre a performance arte, enquanto Leote, Gonçalves e Codevilla referendaram a especificidade da abordagem criativa em vídeoperformance. Para as questões relativas ao sagrado e aos seus possíveis desdobramentos em contextos femininos e da árvore, embasei-me em Eliade, Machado, Owen e Estés. Quanto às questões metodológicas autobiográficas que permearam o trabalho, Calado, Milan e Malatian foram as autoras mais referendadas.

Postas essas colocações, é válido destacar que esse é um trabalho pensado e concebido por uma mulher, mãe, filha, bailarina, performer e adepta de ideias e reflexões propostas pelo sagrado e seus desdobramentos em contextos femininos. Um olhar que procurou refletir acerca da menstruação da mulher e da natureza simbólica de genealogia de uma árvore frutífera, entendendo os aspectos socioculturais envolvidos nos pensamentos e memórias iniciais que nortearam essa proposta, sobretudo a partir das experiências vividas por mim e dos estudos sobre o referencial teórico selecionado.

2. CAMINHOS POÉTICO-METODOLÓGICOS

Estudar Dança Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria abriu portas para buscar a formação que eu sempre desejei. O meu percurso acadêmico até aqui, foi construído com diferentes técnicas e abordagens de criação e movimentação. Vivi experiências com o balé clássico, o jazz dance, as danças de salão, o Contato Improvisação, entre outras. Contudo, ao adentrar o grupo de pesquisa Performances: arte e cultura em março de 2019, minhas criações encontraram na Arte da Performance um outro lugar possível para experimentações artísticas. Essa manifestação apresenta um vasto campo de possibilidades de saber-pensar-fazer-produzir arte, transgredindo normas e padrões socioculturais, e borrando fronteiras entre as artes.

Ao partir dessas concepções sobre a Performance, aliadas ao contexto pandêmico, de isolamento social e notável crescimento do uso de ferramentas tecnológicas, inclusive nas artes, optei pela criação de uma obra final sob o formato de uma vídeoperformance. Essa mostrou-se adequada a esse trabalho, não só por esse cenário, mas também pelas novas possibilidades que surgem através das ferramentas de edição de vídeo. Então, essencialmente, dois processos de criação se desenvolveram juntos e apresentaram equivalente importância: as experimentações corporais realizadas durante a captação das imagens, e o processo de criação em vídeoperformance a partir das edições dessas imagens.

Paralelamente, sinto a necessidade de explicar que as minhas criações têm, ultimamente, se centrado cada vez mais em poéticas do feminino. Tenho percebido que a necessidade de encontrar novas formas de ser e performar o ser mulher e mãe, também implicam em renovar-se e partilhar novos modos de coexistir no-com mundo. A respeito das especificidades que me trouxeram até aqui, performar o florescer e o preparar, o sangrar e o frutificar, o dar e o receber, o sagrado e o sacrifício, são escolhas e possibilidades que encontrei de dançar cada vez mais o feminino em mim e no mundo. Foi a descoberta de uma nova maneira de colocar o meu corpo para perceber a passagem do tempo e da ciclicidade nesse momento pandêmico.

Assim, minhas perspectivas criativas recaíram sobre a autobiografia enquanto principal procedimento metodológico de trabalho. Meus diários enquanto registros pessoais e impulsos dos meus processos criativos são uma forma de esboçar meus sentimentos, minhas emoções e meus afetos em relação à minha menstruação e à árvore mangueira. No entanto, também podem ser uma tentativa de demonstrar que nossas palavras e criações podem e devem pretender por mudanças.

Enquanto mulher feminista, adepta ao ideal de que todo pessoal é político, arrisco-me a afirmar, amparada pelo referencial teórico adotado por mim, que as escritas de si apresentam um potencial de denúncia social. Além disso, explanam modos de como o “eu” percebe, sente, experencia e vive determinados contextos, tabus e paradigmas socioculturais.

Com isso, coloco-me a destacar nesse capítulo, algumas evidências que considero importantes para a compreensão da metodologia autobiográfica que compõe esse trabalho. Ainda, explico as principais características da vídeoperformance enquanto manifestação artística inserida no contexto da arte contemporânea.

2.1. A VÍDEOPERFORMANCE

As manifestações artísticas em vídeo têm ocupado espaços cada vez maiores no contexto da arte contemporânea. Em grande parte, entre as razões principais que motivam essa questão, está a popularização e difusão crescentes da internet, das redes sociais e das ferramentas de edição e manipulação de vídeos e fotos. Para tanto, antes de tudo, considerei fundamental expor algumas questões acerca da arte contemporânea e da performance arte, bem como seus contextos e possibilidades criativas. Essas colocações se fazem importantes, visto que a vídeoperformance engloba conceitos presentes na performance arte, ao mesmo tempo em que essas duas são manifestações presentes na amplitude de escolhas artísticas possíveis da arte contemporânea.

O fenômeno da arte contemporânea atravessa a história do século XX e desemboca no presente, caracterizando-se sobretudo, por possibilitar a criação de obras diversificadas. Assim, ela abriga a ausência de critérios e categorizações específicas para analisar suas obras. Para Archer, ao pensar o

aspecto de conexão da arte contemporânea com o cotidiano, ela “deixa o caminho livre para o uso de uma vasta gama de materiais e técnicas até agora não associados com o fazer artístico” (ARCHER, 2001, p. 8). A respeito disso, Tessler afirma ter trabalhado com materiais que “conjugados a outros, são capazes de registrar a passagem do tempo, transformando em “arte” nossas marcas cotidianas.” (TESSLER, 2002, p. 110).

Enquanto isso, os pensamentos artísticos que buscam por inovações estéticas podem esbarrar na performance arte enquanto uma das manifestações potentes e transgressoras da arte contemporânea. Essa expressão consolidou-se como independente na década de 1970, porém, teve seus primórdios intimamente conectados às vanguardas artísticas das primeiras décadas do século XX. Ao tratar dessa relação, Glusberg coloca que o

que se buscava era uma vasta abertura entre as formas de expressão artística, diminuindo de um lado a distância entre a vida e a arte e, por outro lado, que os artistas se convertessem em mediadores de um processo social (ou estético-social). (GLUSBERG, p. 12, 2013).

Ademais, conforme apontaram os estudos em performance realizados por mim, principalmente a partir de GLUSBERG (2013) e FABIÃO (2013), uma das suas principais características é a questão da não representação. O corpo do performer coloca-se em cena, ou ainda, em estado de arte. Na maioria das vezes, sem ensaios prévios. Foi exatamente dessa forma, que também ocorreram as minhas manifestações performáticas componentes da obra em vídeoperformance que abordo nesse trabalho, a respeito das quais tratarei mais detalhadamente no capítulo 4.

Embora tanto a arte da performance como a vídeoperformance tenham ganhado mais espaço nas últimas décadas, gostaria de apontar que seus surgimentos são anteriores aos seus processos de consolidação. As ações performáticas buscavam, desde o início do século XX, rupturas estéticas e críticas socioculturais e políticas. GOLDBERG (2006) coloca a arte da performance como uma verdadeira manifestação transgressora para a história da arte do século XX. Segundo ela,

cada vez que determinada escola- quer se tratasse do cubismo, minimalismo, ou da arte conceitual- pareciam ter chegado a um impasse, os artistas recorriam à performance para demolir categorias e apontar para novas direções. (GOLDBERG, p. 8, 2006).

Considero válido também, colocar que as primeiras experimentações de relação entre vídeo e arte apareceram na passagem da década de 1950 para 1960, e através de

movimentos que exploraram uma nova compreensão do espaço-tempo e que promovem diversas inovações nos domínios da performance, do filme e do vídeo. Ações que já demonstram a tendência para a hibridação de suportes e meios, a participação ativa do público e a combinação entre arte e tecnologia. (CODEVILLA, p. 18, 2011).

Ainda, destaco que a “relação entre o Homem e a Máquina” ocupa o mesmo lugar de relevo tanto nas análises da Bauhaus sobre arte e tecnologia, como nas abordagens anteriores dos performers ligados ao construtivismo russo ou ao futurismo italiano” (GOLDBERG, 2006, p. 136). Assim, as relações estabelecidas entre vídeo, corpo e arte promovem possibilidades de investigação acerca das possibilidades de uso da câmera, como por exemplo, proximidade e distância do corpo do performer, angulação, luz, uso de câmera lenta ou com velocidade acelerada, entre outras.

A partir do crescente número de obras em vídeo que podemos observar no contexto da arte contemporânea, para mim se tornou importante, durante meu percurso teórico-prático, sustentar e especificar as diferenças básicas entre o vídeo como registro da performance, e a obra como uma vídeoperformance. Assim, essa última pode existir

enquanto forma de registro de um evento pontual localizado no tempo, como arquivo/documento ou como obra em si mesma, utilizando linguagem própria do cinema e vídeo para montagem do vídeo a partir da utilização de performance a priori. (GONÇALVES, p. 535, 2018).

Destaco ainda, a importância de compreendermos a vídeoperformance como o resultado de uma relação simbiótica entre a performance e o vídeo. Ou seja, ela é executada de tal forma, que uma contribui essencialmente com-para a existência da outra. A respeito disso, a

distinção entre performance e vídeoperformance estaria no modo como a composição é feita, levando em conta qual é a forma pela qual o vídeo está conectado à ação. Enquanto na performance o vídeo

aparece como elemento agregado, e que pode ser substituído, na vídeoperformance ele é a razão do surgimento de um novo sistema de características autopoiéticas. (LEOTE, p. 54, 2008).

Ao relacionar esses aspectos e colocações a respeito da arte contemporânea, da arte da performance e da vídeoperformance, realizo alguns apontamentos a respeito da minha obra final. Denominei-a de vídeoperformance, especialmente uma vez que meu corpo se colocou em cena, ou ainda, em estado de arte a partir das características da performance, sem representações, nem ensaios prévios para a realização das movimentações captadas pela câmera. Para além disso, as edições de vídeo realizadas contribuíram para a ideia de ciclicidade e passagem do tempo presente na proposta inicial, aspecto que seria impossibilitado se o vídeo funcionasse apenas como registro de uma performance.

2.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTOBIOGRAFIA E A POÉTICA DO FEMININO

Para a compreensão metodológica que permeia a minha escrita, é necessária a consideração de que esse trabalho elaborado a partir de aspectos teórico-práticos é *em arte*, e não *sobre arte*. Nesse contexto, o primeiro é aquele realizado pelo artista “a partir do processo de instauração de seu trabalho” (REY, 2002 p. 125), enquanto o segundo é aquele realizado por autores “teóricos, críticos e historiadores, tomando como objeto de estudo a obra de arte, para realizar análises pontuais, estudos históricos, [...], etc”. (REY, 2002, p. 125). Ainda, segundo a autora (CATTANI, 2002, p. 38), a expressão *em arte* está “relacionada à criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os componentes de um pensamento visual estruturado.”

Dessa forma, ressalto que utilizei recursos de criação estruturados enquanto procedimentos metodológicos, os quais articulam teoria e prática. Nesse sentido, optei por fazer uso da escrita de diários autobiográficos para impulsionar as minhas criações de caráter performativo. Os diários foram concebidos a partir de memórias, sensações e emoções sobre alguns ciclos menstruais durante os meses de processo criativo da obra, também a partir de

memórias sobre a minha menarca. Em meus registros pessoais, incluí ainda, aspectos da minha relação com a árvore mangueira.

Sobre a produção de escritas autobiográficas, Sartori (2019) aponta que elas adentraram o século XIX representando um importante recurso de registros de segredos, emoções e sentimentos, ao mesmo tempo em que “guardavam as coisas que não se queria esquecer, uma narrativa memorialística que se assumiu como dispositivo de confissão quase que obrigatória.” (SARTORI, 2019, p. 2). Esse modelo de registro costumava ser adotado exclusivamente por mulheres, a partir de duas perspectivas principais, as quais carregam discussões de gênero, raça e classe.

A primeira delas diz respeito ao fato de que, historicamente, as mulheres obtiveram menos acesso a direitos civis, políticos e ao acesso à educação. Por consequência, a maioria dos documentos, oficiais ou não, foram produzidos por homens. Entretanto, a escrita de diários pessoais era praticada quase que unicamente por mulheres. Isso se deve ao fato de que esses registros funcionavam como uma espécie de “autovigilância”, um meio para que as mulheres escrevessem o que elas mesmo pensavam que estavam condicionadas a ser e fazer (MILAN, 2016).

Já a segunda delas, está vinculada ao fato de que as poucas mulheres, entre os séculos XIX e início do século XX, que obtiveram acesso à alfabetização eram brancas e pertencentes às classes mais altas. Nesse contexto, além do acesso à educação, outro aspecto a ser considerado é o de que as poucas escritoras de diários pessoais dessa época, procuravam por cômodos da casa em que elas pudessem ter mais privacidade para produzi-los. Esse aspecto da escrita feminina é mais um dos que desfavorecia as mulheres de classes mais baixas em relação às das classes mais altas (MILAN, 2016).

Conforme aponta (MALATIAN, 2012, p. 64), podemos observar que as escritas de si estão ocupando uma importância cada vez maior na Historiografia contemporânea, uma vez que elas “constituem meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito, o qual decorre de um movimento de valorização das memórias individuais.” Ao encontro dessa colocação, ao tratar

da escrita auto-referencial de Simone de Beauvoir, Calado (2012) afirma que suas narrativas autobiográficas estavam ligadas a

uma necessidade de salvar do esquecimento a sua história, de deixá-la registrada para seus contemporâneos. Era, sem dúvida, a expressão de desejos pessoais: cumprir promessas de juventude, fazer balanços de sua experiência, contar a sua vida de acordo com a sua perspectiva.” (CALADO, 2012, p. 23).

Nesse trabalho, as minhas escritas autobiográficas, carregadas de emoção e memória, além de esboçarem uma particular relação com a mangueira, também partilham de situações corriqueiras a muitas meninas e mulheres com relação à menstruação (apêndice A). Nesse sentido, meus diários também podem expor uma pretensão de questionamento sociocultural. De fato, as escritas de si podem extrapolar as individualidades dos sujeitos e refletir questões históricas e socioculturais em diferentes tempos e espaços em que são produzidas. Acerca disso, ainda sobre os diários de Beauvoir, (CALADO, 2012, p. 24) afirma que seus registros pessoais também eram “uma maneira de reafirmar que cada sujeito em si traz a possibilidade e a responsabilidade de ajudar, ao seu modo, na transformação e na melhoria de determinado contexto social.”

Assim, a produção dos meus diários autobiográficos está ligada às minhas memórias, afetos e ao meu desejo de notar um mundo onde não haja sensação de nojo em relação ao sangue menstrual. Um mundo onde as mulheres possam se autoconhecer e experimentar a autonomia sobre seus próprios corpos, sem sentirem vergonha de viver a natureza do ser mulher. Com isso, os diários impulsionaram o processo criativo da minha obra, especialmente nos momentos que antecederam as captações de imagens.

3. ENSAIOS SOBRE O CONCEITO DE SAGRADO

Minha família foi educada conforme os ideais católicos e cristãos. Todavia, quando chegou a minha vez de ir a uma primeira comunhão, meus pais decidiram romper com a tradição familiar ao me perguntarem se eu, de fato, gostaria de fazer a primeira comunhão. Eu optei por não fazer, visto que realmente não era meu desejo. Mesmo com isso, fui entendendo que o contato com o sagrado vai muito além de religiões específicas. Abraçar uma árvore, buscar paz, autoconhecimento, observar nossos ciclos, compreender nossas necessidades, olhar para dentro, sentir a força das nossas raízes. Todas essas buscas e atitudes, no contexto do mundo contemporâneo, corrido e competitivo que vivemos, são conquistas que podem ser entendidas pelo viés do sagrado.

O pensamento de sacralização do mundo é compreendido através de tudo aquilo que pode ser incluído como manifestação espiritual e-ou divina no mundo. Nesse contexto, o próprio planeta Terra pode ser entendido como sagrado, uma vez que é dotado de recursos naturais que tornam nossa existência aqui possível. A respeito dessas crenças, Eliade afirma que, em diversos contextos socioculturais, o

modo apresenta-se de tal maneira que, ao contemplá-lo, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado e, por conseguinte, do Ser. Antes de tudo, o Mundo existe, está ali, e tem uma estrutura: não é um Caos, mas um Cosmos, e revela-se portanto como criação, como obra dos deuses. (ELIADE, p. 59, 1992).

Além desse aspecto, as minhas investigações sobre o sagrado me conduziram a apreender esse conceito sob a noção de hierofania². Sob esse aspecto, também podemos considerar nesse trabalho, o sagrado a partir da ideia de sacro-ofício, sacrifício, ou ainda, sagrado ofício. Esses três termos semelhantes fazem alusão às possíveis perdas, abandonos, ou “pequenas mortes” que podem englobar a noção de sagrado, bem como os rituais sacralizados. Nas particularidades desse processo teórico-prático, o sacrifício está ligado ao feminino, sobretudo, através da própria menstruação e da ideia de maternidade (apêndices C e D).

² Segundo Eliade, o termo designa o oposto do profano, ou seja, quando o sagrado se manifesta.

A fim de compreender melhor essa concepção, podemos evidenciar que a menstruação é a descamação mensal do sangue que fica armazenado no útero, ou seja, quando nós mulheres menstruamos, perdemos sangue e óvulo, sacrificando-nos em nome dos nossos próprios ciclos. Quanto à maternidade, por exemplo, tem-se uma sequência de sagrados ofícios entre o gestar, o dar à luz, o amamentar e o cuidar.

3.1. O SAGRADO, O FEMININO E O SANGUE

Conforme o explanado na introdução desse trabalho, me interessei por questões que envolvem o sagrado feminino através das redes sociais. Diversos sites³, blogs, contas do Instagram e do Facebook criados por mulheres, têm produzido conteúdos digitais também para mulheres, abordando aspectos como a possibilidade de encontrar o sagrado em nós mesmas, ancestralidade feminina e ciclo menstrual.

Há nesses conteúdos, sobretudo em livros que tratam do sagrado feminino, também na literatura feminista, profundas críticas às religiões cristãs. Isso ocorre visto que nas culturas ocidentais contemporâneas, essas religiões encontram-se alinhadas ao sistema patriarcal, o qual é um grande responsável pela dominação masculina e pela submissão das mulheres em relação aos homens. Estudiosas do sagrado feminino, que pertencem a grupos religiosos de tradições específicas, como por exemplo MACHADO (2013), acreditam que o mito de criação do mundo registrado pelos cristãos é uma farsa que distorce a imagem das mulheres.

Enquanto isso, outros autores como ELIADE (1992) e OWEN (1994) colocam questões específicas acerca do sagrado em contextos do universo feminino, apontando para a existência de tribos e comunidades matriarcais, cujas árvores genealógicas, organizações sociais, e mitos de criação do mundo estão centralizados na figura da mãe. A respeito disso, Eliade afirma que o

fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares[...]. O prestígio mágico e religioso, e

³ Como por exemplo, <https://www.personare.com.br/o-que-e-sagrado-feminino-m4072>.

consequentemente, o predomínio social da mulher têm um domínio cósmico: a figura da Terra Mãe. (ELIADE, 1992, p. 72).

Um exemplo dessa forma de organização sociocultural são os índios Kogis⁴ (OWEN, 1994, p. 4). Nessas culturas, nas quais a mulher é colocada em evidência, o corpo feminino e seus ciclos também costumam ser mais valorizados. Isso ocorre porque nessas sociedades, as mulheres são vistas como as verdadeiras responsáveis pela perpetuação do povo. Assim, em ambos os casos citados, tanto nas organizações patriarcais como nas matriarcais, os pensamentos sobre o sagrado e religião, cultura e sociedade, caminham de modo que um colabora para a sustentação do outro. No que tange à matrilinearidade e às organizações matriarcais, por exemplo, a

mulher relaciona-se, pois, misticamente com a Terra: o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher depende da santidade da Terra. A fecundidade feminina tem um modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal. (ELIADE, p. 71-72, 1992).

Dessa forma, no que se refere à ciclicidade e à fertilidade feminina, a menstruação e o momento do parto são momentos sublimes e sagrados. O principal mito da criação presente no povo Kogi, por exemplo, constitui-se da crença de que “o mundo foi criado pela Grande Mãe enquanto ela menstruava. Seu sangue é de ouro; ele permanece na terra; é fertilidade”. (OWEN, 1994, p. 4).

Assim, dentro das ideias que estão sendo difundidas atualmente a respeito do sagrado em universos femininos, a prática de entregar o sangue menstrual para a terra enquanto ato sagrado tem sido umas das mais comentadas e partilhadas por nós mulheres. Podemos compreender então, essa prática como um ritual que estimula nosso autoconhecimento, nossa autonomia sobre nosso próprio corpo, nossa criatividade, assim como, nossa conexão e gratidão para com a Mãe Terra. Já dentro das especificidades do presente trabalho, a entrega do sangue para a mangueira assume, para além de outros

⁴ Comunidade indígena que vive na região da Colômbia.

simbolismos, uma sensação e uma ideia de ligação para com as minhas raízes que marcaram a minha conexão com o sagrado: as últimas quatro de gerações de mulheres da minha ancestralidade materna.

3.2. O SAGRADO E A ÁRVORE

Quando eu era criança, costumava brincar no pé de mangueira, subindo, escalando, pulando (apêndice E). Mal eu sabia, naquele tempo, que um dia escreveria sobre ela. Eu vejo nessa árvore que reside na minha casa há muito mais tempo do que eu (moro no mesmo lugar desde que nasci), uma simbologia de raízes que me sustentam. Essa árvore acompanha quatro gerações de mulheres da minha família: minha bisavó materna, minha avó materna, minha mãe e agora, eu. Essas mulheres me passaram muitas palavras de inspiração e me sustentaram para que eu chegasse até aqui. Além disso, é na figura delas que passei a entrar em contato com tudo aquilo que considero sagrado.

Quando a minha bisavó, já nos seus últimos anos de vida, costumava passar os dias deitada em cima de uma cama, eu ainda era uma menina, mas ajudava a cuidar dela à minha maneira. Quando eu ia ao quarto dela à noite, para desejá-la bons sonhos, ela costumava me pedir para fazer algumas orações a ela. Todos os dias, sempre as mesmas, as que ela mais gostava (apêndice F).

Minha avó era reikiana⁵. Adepta e estudiosa de todas as religiões, para atender todos os tipos de pessoas nas suas mais variadas crenças, ela deixou um legado bibliotecário na nossa casa. Inúmeros livros, sobre várias concepções distintas daquilo que se pode entender como sagrado. Por voltas dos meus 5 anos de idade, os atendimentos de reiki dela ganharam uma auxiliar. Eu costumava pedir para entrar na sala com ela e ajudar “aplicar o reiki”. Ela sempre deixava, e os pacientes dela adoravam.

Minha mãe e eu crescemos fortalecidas pelas figuras dessas duas mulheres. Minha raiz mais recente e eu compreendemos a importância do respeito a todas as religiões, e já frequentamos juntas, diversos lugares com crenças e práticas distintas. Para nós, o sagrado se tornou aquilo e onde nos

⁵ Profissão de quem aplica o reiki, uma técnica de terapia baseada na transmissão de energia através da imposição das mãos.

sentimos bem e em casa, o que evidentemente, não é uma concepção somente religiosa. É dessa forma que se constituiu o sagrado nas últimas quatro gerações da minha árvore genealógica materna.

Eliade (1992) coloca que o homem moderno ocidental, adepto às religiões cristãs mais tradicionais, vive uma espécie de incômodo ao perceber que em outras religiões, práticas, crenças, ou simplesmente modos de ver o mundo, o sagrado pode se manifestar em diferentes contextos, objetos e elementos naturais, como em árvores e pedras, por exemplo. O tratar das hierofanias, (Eliade, 1992, p. 13) aponta que nesses casos, “A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra nem árvore, mas o sagrado,[...]”.

Nesse sentido, o processo criativo que propus nesse trabalho eleva a árvore mangueira à condição de sagrada, a partir da ideia de hierofania. Em “Fruto do vosso sangue mulher”, a árvore é sentida e compreendida como genealógica, detentora da força das minhas raízes através das figuras das minhas ancestrais. Além disso, os frutos dessa árvore podem relacionar-se intensamente com o sangue, uma vez que, simbolicamente, a menstruação também é um elemento do corpo feminino que presentifica, mensalmente, a nossa ciclicidade e a nossa fertilidade.

Estés (2007) relaciona a notável capacidade de renovação das árvores com a psiquê feminina, também, narra a história de uma imponente árvore que foi cortada para suprir a necessidade de obtenção de madeira para a construção de um grandioso empreendimento imobiliário, no norte do Estados Unidos. Entretanto, para a surpresa da comunidade local, pouco tempo depois dessa árvore ter sido cortada, “do cepo liso sobre o qual um dia a árvore viva se erguera, cresceram 12 rebentos a partir da velha árvore avó[...]. As árvores jovens que cresceram a partir do velho choupo eram obviamente suas filhas” (ESTÉS, 2007, p. 26).

4. FRUTO DO VOSSO SANGUE, MULHER

Assim intitulei a obra sob o formato de vídeoperformance, resultado dessa minha experiência teórica e prática que encerra meu ciclo de graduação. Esse nome surgiu em minha mente como a frase de uma prece que reitera a fertilidade da menstruação, a fertilidade da árvore e as possibilidades de estarmos sempre conectadas com as nossas raízes. Através da escrita de diários autobiográficos durante o processo de criação artística, coloquei-me em exercício de reflexão acerca da menstruação, da minha relação com a árvore, reativando assim, diversas memórias.

Realizei gravações de 64 vídeos durante quatro meses (outubro, novembro, dezembro e janeiro). Optei por verdadeiramente utilizar o sangue menstrual na captação das imagens da obra. Para tal, fiz uso de um coletor menstrual e usei um recipiente de vidro (o mesmo que aparece nas imagens da obra) para misturar o sangue coletado com água. Adotei esse procedimento diversas vezes, sempre durante os momentos que antecederam as gravações. Utilizei três vestidos distintos, também uma saia acompanhada de um top durante as captações das imagens. Essas quatro vestimentas costumam ser usadas somente em casa, ou por mim, ou pela minha mãe, e assim foram escolhidas por carregarem muitas lembranças nossas no âmbito da nossa residência.

As imagens foram captadas em formato de vídeos com tempos variados (cada um continha no máximo quatro minutos, porém, alguns tinham apenas 20 ou 30 segundos). As filmagens foram inteiramente realizadas com uma câmera de dispositivo móvel da marca “Samsung Galaxy”, captadas por Marcos Cairrão, Márcia Cairrão, e por mim mesma. Quanto àquelas feitas por mim, realizei-as de duas formas distintas: a primeira delas foi deixando a câmera do celular apoiada no chão, enquanto a segunda, foi realizada num formato “selfie”, enquanto eu me movimentava junto com a câmera. As filmagens foram realizadas durante o dia, também durante a noite. A ideia de fazê-las em diferentes momentos do dia, com luminosidades distintas, surgiu devido à minha intenção de enfatizar a passagem do tempo e a continuação dos ciclos.

As primeiras edições de imagem foram realizadas por mim através do programa “Handbreak”. Porém, acreditei que as imagens ainda estavam incipientes, e optei por convidar minha colega no Laboratório de Performance, Arte e Cultura (LAPARC), Andressa Merlo, para efetuar as edições finais, as quais foram realizadas através do programa de edição Sony Vegas. Por fim, a vídeoperformance “Fruto do vosso sangue, mulher” foi compartilhada com o público através da rede social Instagram, na minha conta pessoal “@luanafurtado_”, no dia 1 de fevereiro de 2021.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse processo de TCC, acredito que o meu percurso enquanto bailarina, performer e pesquisadora de iniciação científica, bem como os estudos desenvolvidos por mim acerca do movimento feminista e da maternidade, afetaram-me enquanto mulher, filha, neta, bisneta e mãe, conseqüentemente, afetaram esse trabalho. Além disso, forneceram bases teórico-práticas para que os meus estudos a respeito do sagrado pudessem começar a se desenvolver. Sobretudo, gostaria de colocar que essa minha trajetória contribuiu muito para embasar meu referencial teórico sobre arte contemporânea, principalmente sobre as individualidades da vídeoperformance.

Considero também, importante ressaltar que esse trabalho em arte, com caminhos fluidos e constantes trânsitos entre teoria e prática, obteve na escrita dos meus diários autobiográficos enquanto procedimentos metodológicos, uma potente forma de recordação e memória. Por outro lado, a produção da obra em vídeoperformance permitiu que houvesse filmagens em turnos diferentes do dia (o dia e a noite), com uma edição de imagens que teve a intenção de colaborar para a ideia de ciclicidade e renovação presentes desde a proposta inicial.

No entanto, esse trabalho demorou a desenhar-se como realmente ficou. Seria errôneo então, não admitir as falhas e as dificuldades do meu processo para chegar até aqui. O próprio período de isolamento e a inexperiência de nunca ter proposto a criação de um trabalho dessa magnitude, nem uma produção em formato de vídeo, foram fatores que tornaram o processo bem mais lento do que eu podia imaginar. Devo admitir nessa reflexão também, que demorei um período, o qual tive a impressão de ser longo, para compreender o âmago da relação apreendida pela minha própria proposta criativa.

Uma conexão entre gerações através do meu sangue e dos enraizamentos da mangueira. Apenas ao final do meu processo performativo de captação de imagens, a noção dessa relação tornou-se mais evidente para mim. Assim, ao compreender que cada processo criativo tem seu tempo de maturação, foi perceptível o quanto o trabalho foi moldando a si mesmo. Como já apontou Jean Lancry, “não fiz mais o meu trabalho do que o meu trabalho me

fez.” A nossa arte e a nossa vida estão em constante processo de (re)organização e criação. Nesse processo que, para mim, mostrou-se sagrado, ao mesmo tempo, rico em sacrifícios, observei o quanto o meu caminho de descobrir o amor pelo meu próprio corpo e, conseqüentemente, pelo meu próprio sangue, fortaleceram-me enquanto artista e mulher nesse trânsito ininterrupto entre arte e vida.

Assim, a minha relação com a maternidade e com as mulheres que vieram antes de mim realçaram o caráter sagrado do meu trabalho, e mostraram-me que, evidentemente, essa relação entre genealogias constitui partes importantes de tudo que eu penso e sou. Nesse sentido, a fertilidade, a maternidade, o florescer e o frutificar apresentaram-se para mim como constantes hierofanias do mundo, manifestações do sagrado em tudo que é próprio do feminino. As minhas buscas pelo autoconhecimento, pela ligação com a minha genealogia feminina, e pelo entendimento e aprendizados proporcionados pela minha maternidade, são constantes processos de criação que têm modificado os meus modos de performar e partilhar a minha essência com o mundo.

6. REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea- uma história concisa**. São Paulo, Editora Martins Fontes. Tradução Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira, 2001.

CALADO, Eliana A. de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: sujeito, identidade, alteridade**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, 2012.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo, Editora Martins Fontes. Tradução Rogério Fernandes, 1992.

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: o corpo em experiência**. Revista Lume, nº 4, 2013. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>. Acesso em: 2/02/2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A Ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro, Editora Rocco. Tradução Waldéa Barcellos, 2007.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo, Editora Perspectiva. Tradução Renato Cohen, 2013.

GOLDBERG, Roselee. **A arte da performance: do futurismo ao presente**. Lisboa, Editora Orfeu Negro. Tradução Jefferson Luiz Camargo, 2007.

GONÇALVES, W. T. A vídeo performance como imagem autômata. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário de Pesquisa Internacional em Cultura e Arte Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 534-543.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade. In: BRITES, Blanca. TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. 1º Edição: Porto Alegre, Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, p. 15-34.

LEOTE, Rosangella. **Vídeoperformance: linguagem em mutação**. In: performance presente futuro, v.I, [curadoria Daniela Labra] - Rio de Janeiro. Contracapa, 2008.

MALATIAN, Teresa. **Escritas de si e narrativa histórica**. Acervo digital Conteúdos e Didáticas de História. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46186>. Acesso em: 2/02/2021.

MILAN, Leticia Portella. **Escritas de si e diários: construções do gênero diante de paradigmas socioculturais**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, v. 8, nº15, 2016, p. 154-172.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro**. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos. Tradução Magda Lopes, 1994.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. 1º Edição: Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, p. 123-140.

SANTOS, Camila Matzenauer. **O corpo feminino como metáfora do tempo em performance arte**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

SARTORI, Maria Ester. S. R. **Escritas de si: a arte da existência gravada em autobiografias, diários pessoais e relatos de viagens femininos**. Simpósio Nacional de História, 2019.

TESSLER, Elida. Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. 1º Edição: Porto Alegre, Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002, p. 103-112.

APÊNDICE A- MINHAS PERGUNTAS SOBRE A MENARCA

20/10/2020
data

Eu lembro da minha menarca como se fosse ontem.
Um profundo desconhecimento sobre o assunto assombrou
todos a minha volta. Olhares apavorados, desconfiados. Um
despreparo para lidar com a "situação".

Situação estranha? Até quando farão a gente
sentir vergonha? Por que sentir vergonha? O momen-
to que parece que só a mulher entende a outra mulher...
Eu às vezes, nem isso,...

APÊNDICE B- LEMBRANÇAS SOBRE A MANGUEIRA

5/10/2020 Os olhares para as frutas são de admiração e desejo. A árvore vive referência da casa. As mangas enchem baldes e mais baldes. Os vizinhos passam pedindo pelas mangas. Manga que não acaba mais. Felicidade no verão de quem não vai no mercado comprar manga. Mas essa árvore tem tanta história! Quando eu era criança, subia nela mais coisa-do-que-hoje. Eu e minhas amigas competíamos: "quem sobe mais alto?" Também foi o ponto de dizer "1, 2, 3, por mim!" no pique-esconde. Mas essa árvore tem tanta história! Se ela crescesse, não sei o que centaria. Mas uma coisa é certa: eu não conheço todas. Antes de eu nascer, ela já vivia alta e imponente nessa casa. A minha bisavó chegou aqui, a minha avó pediu para plantar a árvore, e o meu avô plantou. Minha mãe já tinha 10 anos. De fato, a árvore não é centenária. Mas a árvore tem tanta história! A força das gerações, dos frutos crescem ano após ano. Ela é a maior árvore da rua, tanto em largura na copa, como em altura. Eu perguntei: - Mãe, quando ela ficou tão grande? Minha mãe respondeu: - Não sei, mas lembro. Só sei que ela nunca para de crescer.

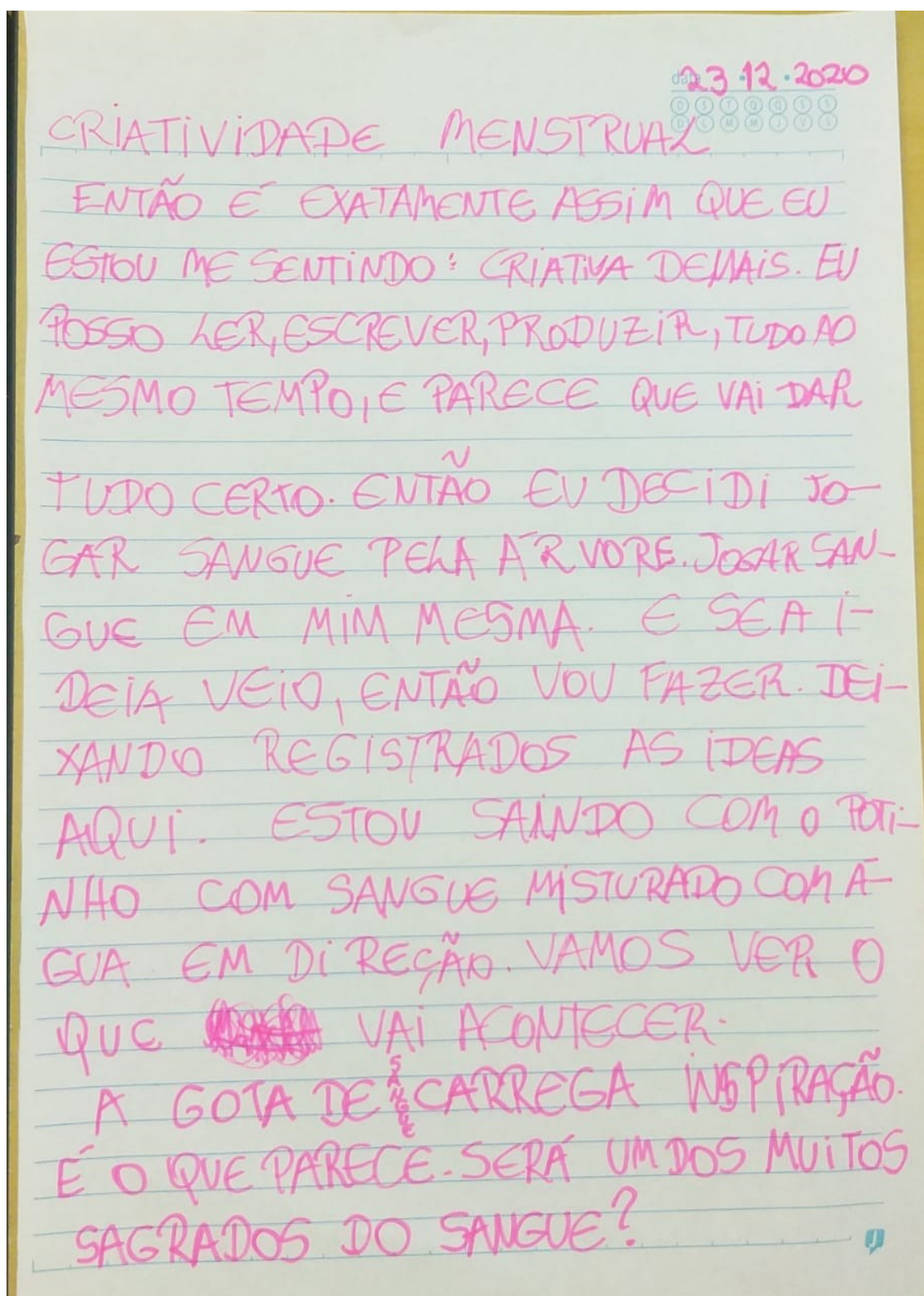
APÊNDICE C- QUANDO O SANGUE ESCORRE

22/11/2020

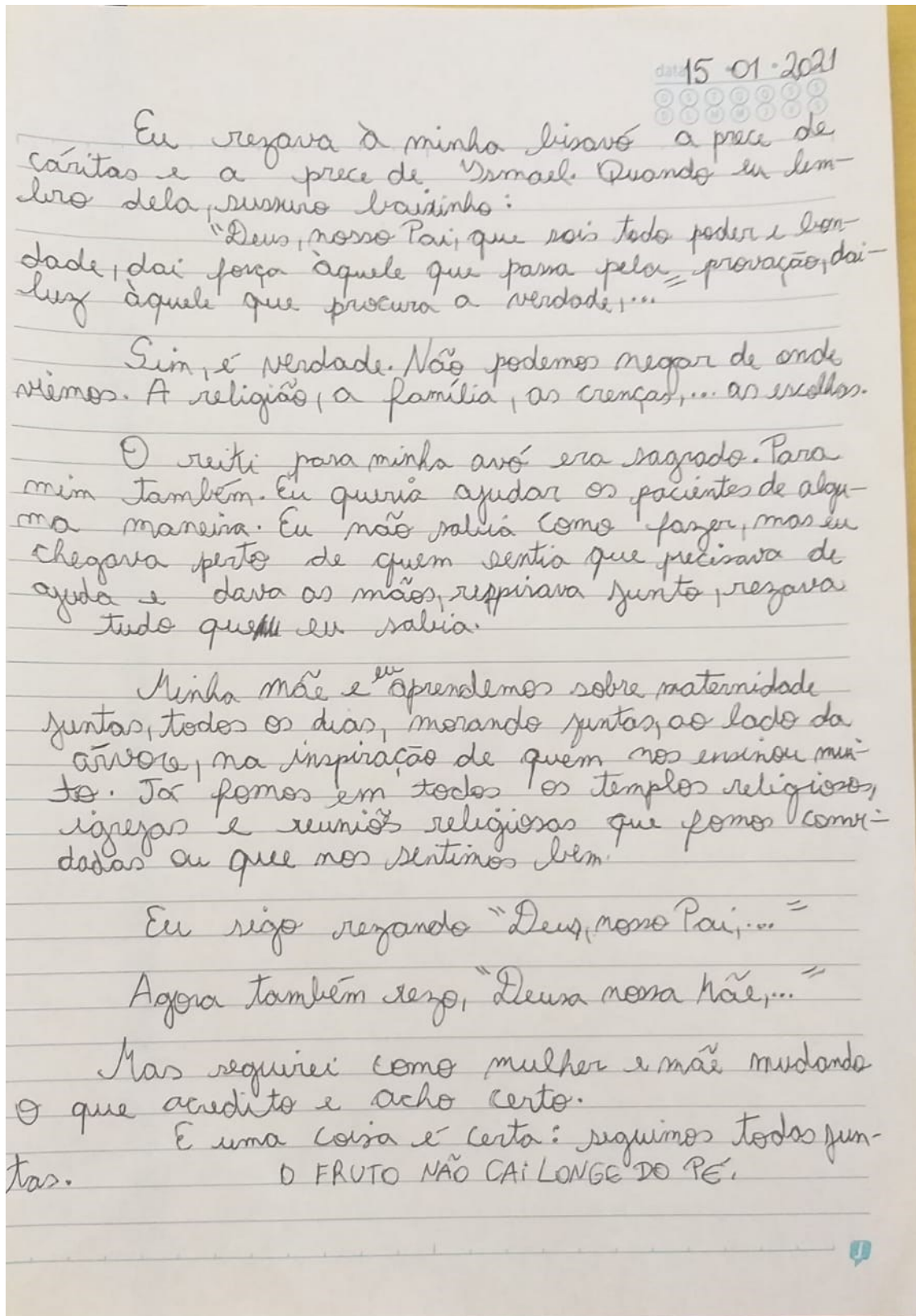
QUANDO O SANGUE ESCORRE - PARTE 1

AO COLETAR O SANGUE PARA A EXECUÇÃO DAS CAPTAÇÕES (CAPTAÇÕES) DAS IMAGENS, TENHO PERCEBIDO O QUANTO O CORPO JÁ FICA DIFERENTE, PARECE QUE JÁ ESTÁ PERFORMANDO. PARECE QUE O SANGUE JÁ FAZ PERFORMANCE. ALÉM DE PERFORMATIVO, ESSA COLETA É MUITO SAGRADA. QUANDO MENOS ESPEREI HOJE, UMA GOTA VERMELHA ESCORRENDO PELA COXA. SAÍ CORRENDO PARA FRENTE DE CASA, AO PÉ DA ARVORE, PARA QUE SEGUISSSE ESCORRENDO ALI MESMO. ALGUNS FRUTOS PEQUENOS E AMARELADOS JÁ ESTÃO APARECENDO NA MANGUEIRA, EM MEIO ÀS TANTAS FLORES... ESSE FRUTIFICAR ESTÁ ME PARECENDO QUE TAMBÉM É MUITO SANGUE E AGORA VOU MAIS UMA VEZ,...

APÊNDICE D- CRIATIVIDADE MENSTRUAL



APÊNDICE E- INSPIRAÇÕES GENEALÓGICAS SAGRADAS



APÊNDICE F- AMADURECIMENTO

16 01 2021
D S T Q Q S S
D L M M J V S

FINALMENTE PASSAMOS POR ELA
E VIMOS QUE O ROSADO DAS
MANGAS CHEGARAM. O PÁTIO JÁ TEM
O AROMA DELAS.

COM ELAS, ESTOU PERCEBENDO O
QUANTO O FRUTIFICAR E O AMADURE-
CER SÃO VISÍVEIS, E NÃO UM SAGRA-
DO DA MINHA MENTE, INVISÍVEL AOS
OLHOS DE OUTRAS PESSOAS. TEMOS
FRUTIFICADO UM TRABALHO JUNTAS. E
FOI DIANTE DESSA VISÃO, QUE ESTOU
PERFORMANDO MAIS UMA VEZ. SAIREI EM
DIREÇÃO ÀS MANGAS E RAÍZES, FILMAR
E VER O QUE ACONTECERÁ...